

## REPRESENTAÇÕES DO MAL NAS REESCRITAS EVANGÉLICAS DE SEAN MURPHY E STEVE ROSS

Delzi Alves Laranjeira- UEMG<sup>1</sup>

**Resumo:** O mal na literatura tem sido abordado sob as mais variadas perspectivas. Na contemporaneidade, gêneros literários recentes, como os romances gráficos, elaboram representações peculiares do mal em suas narrativas, como podemos observar nas obras *Marked*, de Steve Ross, e *Punk Rock Jesus*, de Sean Murphy, que reescrevem a história de Jesus enfatizando a presença do mal tanto no plano diegético, como sob uma perspectiva imagética, que reforça sobremaneira a ocorrência de ações malévolas e suas consequências.

**Palavras-chave:** Evangelhos; Mal; Reescrita; Romance gráfico

*Marked* (2005), de Steve Ross e *Punk rock Jesus* (2013), de Sean Murphy são exemplos recentes de reescritas evangélicas no formato de romance gráfico, gênero literário intermidial que combina imagem pictórica e texto, nas quais uma abordagem da representação do mal é explicitamente enfatizada por seus autores. Ao reelaborarem a história de Jesus, Ross e Murphy recontextualizam as instâncias malignas que são identificadas no texto bíblico e oferecem ao leitor uma perspectiva reimaginada.

Nos evangelhos canônicos, que operam como principal intertexto dos romances gráficos, o mal pode ser identificado em pelo menos quatro instâncias: o diabo, os fariseus, Judas e os romanos. O papel do diabo é fundamental na história de Jesus, pois sua existência, além de selar a disputa cósmica entre o bem e o mal, também justifica, localiza e identifica “as formas específicas mediante as quais as forças do mal agiam através de certas pessoas para produzir destruição violenta”, cujo ápice é a execução de Jesus (PAGELS, 1996, p. 35). Judas e os fariseus seriam instrumentos da influência e ação demoníacas, as quais resultam, quase sempre, em sofrimento para Jesus, tendo como ápice a sua crucificação. Na perspectiva dos evangelhos canônicos, o demônio, mesmo agindo de forma indireta, certamente é a origem do mal e de sua disseminação.

Os romanos, que ocupam e dominam a Judeia nessa época, são caracterizados como opressores, que utilizam métodos cruéis de punição com aqueles que questionam o poder de Roma. Como executores da crucificação, também tiveram um papel importante como agentes de forças do mal que atuaram para destruir Jesus.

Em *Marked*, Steve Ross segue os passos da narrativa do Evangelho de Marcos em termos de enredo, porém, altera o cenário da Palestina do tempo de Jesus para a contemporaneidade, em um tempo não determinado, em uma sociedade repressora e uma paisagem desolada. As imagens mostram soldados perseguindo e agredindo as

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Comparada (UFMG), professora do Curso de Letras da Universidade do Estado de Minas Gerais- Unidade Ibirité. Contato: delzi.laranjeira@uemg.br

pessoas, infligindo sofrimento a outros. Em outra cena, uma imagem de um suposto governante lembra a figura de um imperador romano, ecoando a Jerusalém ocupada e oprimida dos tempos do Jesus bíblico, como visto na Figura I:



Fig. I: ROSS, Steve. *Marked*. New York: Seabury Books, 2005. p. 9.  
Copyright © Steve Ross.

O mal, na reescrita de Ross, não é externo ao ser humano, mas, literalmente, brota de dentro dele, por meio das imagens de monstros saindo pela boca das pessoas. Ao longo do romance, essa será a metáfora mais constante que Ross utiliza para representar o mal (Fig. II), mas ele também cria outras formas. Na tentação do deserto, o demônio não aparece, temos a imagem de uma limusine e a sua voz saindo dela (Fig. III). É criada uma correlação do mal com a riqueza. O romance critica o consumismo e o apego às coisas materiais, relacionando essas atitudes como causas da desigualdade, da exclusão e do sofrimento. Não por acaso, os seguidores de Jesus são pessoas oriundas dessa exclusão: desempregados, moradores de ruas, afrodescendentes.



Fig. II: ROSS, Steve. *Marked*. New York: Seabury Books, 2005. p. 34. Copyright © Steve Ross.



Fig. III: ROSS, Steve. *Marked*. New York: Seabury Books, 2005. p. 16. Copyright © Steve Ross.

A questão do sofrimento é bastante explicitada no romance, que é intrinsecamente conectado a ações malévolas, como na passagem que se refere à doença e sofrimento da filha de uma celebridade, que recorre a Jesus em uma desesperada tentativa de curá-la. Essa passagem reescreve a narrativa do Evangelho de Marcos 5: 21-43, na qual Jairo, chefe da sinagoga local, procura Jesus para curar a sua filha moribunda. A doença da criança é explorada pelos médicos, que cobram honorários altíssimos e não oferecem nenhuma esperança concreta de cura. Nas imagens, são mostrados como caveiras, numa clara alusão ao símbolo da morte. A mídia também opera como metáfora do mal: ao fazer do sofrimento um espetáculo, ela faz uma escolha moral perversa, como na filmagem da crucificação de Jesus (Fig. IV). A violência física e a tortura de Jesus que precedem sua morte ecoam as cruéis ações dos romanos na narrativa bíblica.

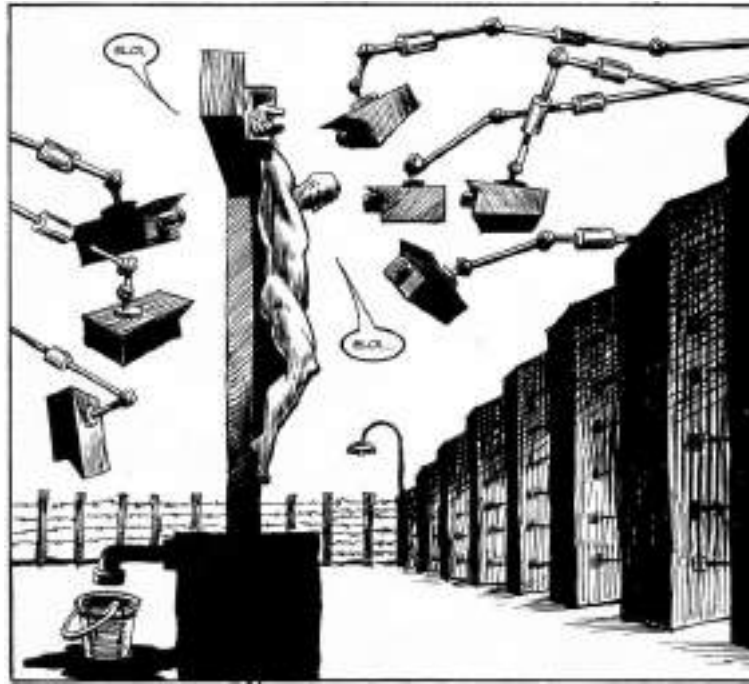


Fig. IV: ROSS, Steve. *Marked*. New York: Seabury Books, 2005. p. 155.  
Copyright © Steve Ross.

Ao final, há o episódio de Judas traidor Jesus e o condenando a morte. O Jesus de Ross demonstra temor ao destino que o aguardava, da mesma forma que em Marcos 14: 34-36 Jesus se entristece com seu destino. Em uma ligeira alteração em relação ao registro canônico, Ross coloca o episódio da Santa Ceia depois da traição de Judas. Nela, Jesus divide o pão e o vinho entre seus seguidores, senta-se e espera os acontecimentos que selarão seu destino. Torna-se bastante simbólico, nesse momento, a presença do corvo atacando e matando uma pomba branca, remetendo à iminente morte de Jesus. Começa, assim, o calvário do personagem: o aprisionamento (incluindo a negação de Simão Pedro), a tortura e a crucificação, transmitida para toda a população através da TV. Há apostas sobre a possibilidade de Jesus libertar-se a si próprio, já que realizava milagres, porém, sua morte é consumada. Uma das pessoas que ele ajudou, uma referência à figura do José de Arimateia bíblico, reclama seu corpo e o coloca em um sepulcro. Quando sua mãe visita o local, não encontra o corpo de Jesus. Na última cena, um enorme girassol brota em meio à carcaça de um corvo, talvez numa alusão à vitória de Jesus sobre a morte. A ressurreição é, assim, afirmada de maneira simbólica na reescrita de Steve Ross.

O Jesus de Ross mostra-se, de alguma maneira, mais sombrio, triste e pessimista em relação à humanidade do que o Jesus bíblico. Ross parece sugerir que o sacrifício de

Jesus, não importa em que tempo ou circunstância, será sempre em vão, frente o egoísmo e a maldade que permeiam a humanidade. Em *Marked*, o mal parece triunfar sobre o bem.

Em *Punk rock Jesus*, Murphy retoma a história de Jesus ambientando-a no século 21, mesclando-a a elementos atuais da cultura midiática, como os *reality shows* e da ciência, como a clonagem humana. Nesse ambiente, Chris, o personagem identificado com a figura de Jesus, vê-se mergulhado em conflitos existenciais e engaja-se em uma batalha contra a corporação de mídia que controla a narrativa de sua vida. A identificação do mal migra, no romance, para a manipulação das pessoas pelo poder da mídia e é corporificada pelo CEO do Projeto J2, Rick Slate. O projeto visa produzir um clone de Jesus a partir de DNA do Santo Sudário e acompanhar a trajetória desse Jesus por meio de um reality show. Nesse contexto, o papel da mídia assume uma dimensão assombrosa e Slate, o seu articulador. Ao definir “mídia malévola”, Fuller e Goffey (2012, p. 5, tradução nossa, grifo do autor) consideram “a mídia e a mediação como criadoras de uma opacidade e espessura problemáticas nas relações das quais fazem parte, com uma capacidade *ativa* própria de dar forma e manipular as coisas ou pessoas com as quais entram em contato”<sup>2</sup>. Chris torna-se a grande vítima dessa articulação, sofrendo o impacto dessa conjunção entre uma mídia manipuladora e os desmandos morais e éticos de Rick Slate, culminando na morte violenta e trágica de Chris, a qual, não por acaso, ecoa a do Jesus dos Evangelhos.

A representação do mal, no romance, é fortemente atrelada à figura sombria de Rick Slate. (Fig. V). A forma como o traço de Murphy define seus traços e as ações que pratica ou comanda na história identificam-no com o demônio, ou uma entidade malévola: Slate é extremamente manipulador, tenta assassinar friamente um bebê, a irmã de Chris, pelo simples fato de sua existência atrapalhar seus planos, é indiferente ao sofrimento alheio, tornando-se representativo da banalização do mal que nos fala Arendt. É importante salientar também a figura de Thomas, o guarda-costas de Chris. Ele representa, na história, a apoteose da violência, tanto aquela sofrida por ele como a que inflige a outros (Fig. VI). Diferentemente de Rick Slate, contudo, a violência de Thomas não parece estar ligada a um *ethos* de malignidade. Thomas é violento e comete atos que classificamos como desumanos, mas seu comportamento se caracteriza mais

---

<sup>2</sup>No original: media and mediation as creating a troubling opacity and thickness in the relations of which they are a part, with an *active* capacity of their own to shape and manipulate the things or people with which they come into contact.

como uma resposta, uma reação frente a uma vida marcada pela violência e pelo sofrimento.



Fig. V: MURPHY, Sean. *Punk rock Jesus*.  
New York: DC Comics, 2013. p.32.  
Copyright © Sean Murphy.



Fig. VI: MURPHY, Sean. *Punk rock Jesus*.  
New York: DC Comics, 2013. p.14.  
Copyright © Sean Murphy

A combinação de imagem pictórica e texto, as duas mídias constituintes do romance gráfico, determina a forma de sua seqüência narrativa e os sentidos que o leitor produz ao interagir com esse formato. Como no romance tradicional ou nas adaptações fílmicas, os romances gráficos baseados nas narrativas da Bíblia geralmente escolhem trilhar o caminho aberto pelo texto bíblico para endossá-lo ou propor caminhos alternativos e enfatizar novos pontos de vista, os quais, frequentemente, subvertem sentidos estabelecidos das Escrituras Sagradas. Como afirma Bataille (2015, p. 22), “[s]ó a literatura [pode] desnudar o jogo de transgressão da lei – sem a qual a lei não teria fim (...) Sendo inorgânica, ela é irresponsável. Nada repousa sobre ela. Ela pode dizer tudo”. Essa liberdade literária que nos fala Bataille embasa a visão peculiar do mal que Ross e Murphy elaboram em suas versões da narrativa evangélica. Seus romances gráficos representam mais uma “tentativa de entender o mal (...), de Jó a Agostinho, ao

escolástico, ao reformista, aos humanistas, aos filósofos, aos românticos, aos cientistas sociais e agora, aos geneticistas”<sup>3</sup> (2002, p. 230). Em sua articulação entre texto e imagem, Murphy e Ross elaboram leituras subversivas, diferentes e intrigantes da figura de Jesus, ao demonstrar que as temáticas do mal e da violência que permeiam a narrativa bíblica ainda encontram ecos poderosos nas narrativas que compõem o arcabouço da nossa cultura pós-moderna.

### **Referências**

BATAILLE, George. *A literatura e o mal*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FULLER, Matthew; GOFFEY, Andrew. *Evil media*. Cambridge, MA. The MIT Press, 2012.

KELLY, Joseph F. *The problem of evil in the western tradition*. Collegeville, MN. The Liturgical press, 2002.

PAGELS, Elaine. *As origens de Satanás*. 2. ed. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

---

<sup>3</sup>No original: attempt to understand evil (...) from Job through Augustine, the scholastic, the reformer, the humanistics, the philosophes, the romantics, the social scientists, and now, the geneticists.